

Apresentação ao Dossiê Escritos decoloniais: conhecimento em curso

O gênero em outros gêneros: explorando caminhos possíveis para a realização de uma prática pedagógica feminista, decolonial e brasileira

*Amanda Volotão*¹

*Mary Garcia Castro*²

Como proposta de análise crítica sobre o que temos consumido e o quanto esses conteúdos, de fato, dialogam com as nossas realidades concretas e fortalecem as nossas experiências enquanto sujeitos subalternos, a decolonialidade emerge como um importante movimento teórico-prático para questionarmos até onde e de que formas estamos (ainda) imersos em uma perspectiva colonial/moderna (QUIJANO, 2007) diante das lógicas e narrativas eurocentradas³. Mais do que isso, entretanto, tal movimento propõe que nos reorganizemos a fim de desenvolver paradigmas outros que, em última instância, sejam capazes de nos contemplar. Das iniciativas pós-coloniais aos estudos de subalternidade e, por fim, do surgimento do Grupo Modernidade/Colonialidade aos questionamentos que surgem sobre como construir uma perspectiva decolonial a partir das singularidades do contexto brasileiro (BALLESTRIN, 2013; HOLLANDA, 2020), o que temos até então é um importante projeto inacabado. Importante porque já podemos vislumbrar não só os grandes impactos que esta nova forma de pensar/fazer traz para os nossos quadros teóricos e para as nossas agendas políticas, mas também porque seus efeitos se desdobram em um leque de possibilidades que ampliam nossos olhares e modos de atuação, trazendo para cena diferentes vozes silenciadas. Inacabado porque ainda são inúmeras as perguntas sem respostas e as angústias que nos cercam quando tratamos de dialogar sobre o que é e como ser decolonial, principalmente, decolonial *à brasileira*.

Se é fato que o giro decolonial (MALDONADO-TORRES, 2007) representou e ainda representa um marco revolucionário nos modos de se pensar o mundo a partir dos seus

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Email: avolotao@gmail.com

² Atualmente é Pesquisadora Visitante Emérita com bolsa da FAPERJ junto à UERJ/PPCIS/NUDERG. Email: marygarciacastro@gmail.com

³ Vale destacar que tomamos, aqui, a referência à noção de “eurocentrada”, bem como de “eurocêntrica” não no sentido de originário da Europa, mas sim partindo da ideia de que tais narrativas e lógicas não perpassam as vivências socialmente territorializadas como as do Sul-global, tampouco as histórias racializadas e construídas por vários tipos de relações de dominação, opressão e subordinação.

eixos periféricos, também é inegável que a inclusão da noção de colonialidade de gênero (LUGONES, 2020) fez emergir novas problemáticas até então desconsideradas ou reduzidas, em sua grande maioria, por aqueles que se debruçavam sobre a temática da decolonialidade. Como debatido por Lugones (2020), pensar a colonialidade de poder sem considerar a colonialidade de gênero é, novamente, invisibilizar mulheres colonizadas. Em contraposto, considerar as relações entre a colonialidade de poder e o sistema de gênero moderno/colonial nos propicia uma visão ampliada sobre como estas dimensões estão imbricadas e se retroalimentam a todo momento. Mas, uma vez detentoras de tal consciência, o que podemos fazer com isso e diante disso?

Mesmo que não se intente uma resposta única para esse questionamento, podemos ressaltar algumas escolhas realizadas até agora que têm se mostrado interessantes. O olhar atento para as experiências coletivas dos povos originários, quilombolas e/ou africanos vêm se apresentando como um tópico relevante para aquelas que veem nas resistências seculares de outras formas de existência um caminho frutífero para nos reconectar com nossa ancestralidade e redescobrir modos de lidar com o mundo contemporâneo e suas crises - tão antigas, mas sempre tão atuais. Há, ainda, uma produção contundente que parte da decolonialidade para repensar as principais questões de diferentes áreas de conhecimento, salientando assim as semelhanças e especificidades destes variados campos de saberes quando pensados a partir da lógica colonial/moderna. Em paralelo, a realização de análises acerca dos problemas gerados pela adoção de epistemologias eurocêntricas a contextos latinoamericanos evidencia tanto os limites de “vestir” nossos dilemas com roupas que não nos cabem, quanto as dificuldades que possuímos de reconhecer e de valorizar os processos de desenvolvimento de nossas próprias teorias e pontos de vista. Neste sentido, o levantamento de autoras de outrora que poderíamos considerar, no mínimo, afinadas com o pensamento decolonial chama atenção para uma dinâmica dupla de redescobrimto e de autoconhecimento, onde investigamos os porquês de textos tão ricos terem sido tão pouco explorados nas Universidades até o presente momento e os efeitos dessa atitude para a produção teórica em diferentes áreas. Diante disso, podemos afirmar que a proposta deste dossiê parte da confluência dessas escolhas.

Em que se pesem as inúmeras iniciativas do movimento teórico feminista para tornar a academia mais diversa e aberta às demandas sociais das diferentes atoras que, citadas pelo mesmo movimento, não se sentem representadas por ele, há de se reconhecer que a Universidade ainda é um espaço restrito. Restrito e, por vezes, excludente e carente de paradigmas teóricos que nos permitam refletir de forma mais contundente sobre as nossas próprias realidades, em detrimento de discursos que tendem a não nos representar. E afirmar isso não é ignorar todas as políticas que têm tornado as instituições universitárias mais múltiplas, tampouco deixar de ressaltar os esforços, advindos de diferentes frentes, para mudar este cenário. Afirmar que a Universidade ainda é restrita, tanto nos públicos que ali circulam quanto nos tipos de teorias a que esses públicos têm contato é, sobretudo, uma forma de se comprometer. Comprometer-se com a produção de

itinerários transformadores e, também, pensar pedagogicamente as implicações deste compromisso.

Não podemos negar que a Universidade é, também, um espaço transgressor delineado por possibilidades de experimentação. E projetos inovadores só se tornam factíveis porque a instituição universitária pode ser compreendida como esse espaço em aberto, onde encontramos narrativas díspares, contraditórias e relações de força que, a todo momento e em seu conjunto, caracterizam o *ethos* deste lugar. Em suas funções de formar profissionais tecnicamente, mas também de formar cidadãos capazes de “educar moralmente” a sociedade (LYOTARD *apud* CASTRO-GOMEZ, 2007), a Universidade abarca uma miríade de pontos de vista que podem tanto promover transformações sociais, como também podem reforçar paradigmas hegemônicos através da ênfase em sua herança colonial. Na maior parte das vezes, temos as duas situações: é forçoso reconhecer que podemos encontrar dinâmicas caracterizadas por retrocessos e avanços ocorrendo ao mesmo tempo na Universidade, o que sinaliza para a complexidade dos processos que a engendram.

Desta forma, o presente dossiê é resultado de uma iniciativa, previamente, modelada por Mary Garcia Castro, mas que se reestruturou de forma coletiva, a partir da colaboração das/dos/des participantes e da professora colaboradora Amanda Volotão. Sua meta principal era refletir, decolonialmente, sobre o gênero em outros gêneros de conhecimento. Com base na experiência anterior de trabalhar perspectivas pós-coloniais e decoloniais em uma disciplina ministrada na pós-graduação, Castro (2021, p. 1052) destaca que “é no plano da lida com o controle da subjetividade e do conhecimento que as resistências ou decolonialidades mais viriam entusiasmando acadêmicos e ativistas ou conseguindo mais realizar alguma virada epistemológica”. Com isso em mente e tendo como objetivo discutir os temas decolonialidade e reprodução social, buscamos destacar o lugar do gênero em suas articulações com raça/etnicidade e classe, enfatizando abordagens contemporâneas em distintos gêneros e campos de saber. A partir do gênero literário, de estudos de caso e de ativismos, tentamos ilustrar resistências e buscas de ‘re-existências’ - conceito desenvolvido por Segato (2003), à luz das ideias de Quijano (2007), para sinalizar a construção de projetos que decolem de experiências de povos originais em tempos pré-colonização e por mais além de tempos de colonialidade.

Assim, o curso foi marcado pela participação de diferentes atores que, advindos de distintas áreas (Ciências Sociais, Letras, Arquitetura, Artes Visuais, dentre outros), vinculados ou não a programas de pós-graduação, trouxeram para cena suas expectativas, objetivos e questionamentos em relação à disciplina ofertada. Com base nas leituras dos materiais previamente selecionados, criamos um espaço de debate riquíssimo, onde buscamos compreender os conceitos, as categorias, os métodos e as teorias que caracterizavam as perspectivas decoloniais. Em seguida, os estudantes apresentaram seminários, onde assumiram a responsabilidade de trazer análises sobre obras ou conceitos debatidos no curso de forma expositiva e, também, escrita. Deste modo, como principais frutos do curso “Gênero em outros gêneros de conhecimento: leituras sobre

reprodução social e perspectivas decoloniais”, oferecido no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no primeiro semestre de 2021, os sete artigos que compõem esse dossiê foram selecionados considerando a diversidade e a profundidade dos temas debatidos, bem como a sua articulação com as perspectivas decoloniais estudadas. Sendo assim, o que temos aqui é um conjunto promissor de estudos realizados a partir de diferentes teorias de autores/autoras, majoritariamente, decoloniais trabalhadas no decorrer da disciplina em questão.

Em **Entre gêneros: a literatura de Conceição Evaristo e dos direitos humanos sob olhares descoloniais**, Egito, Santos, Khattar e Veira partem da análise da categoria de escrituragem acionada por algumas protagonistas da obra *Olhos d'água* para refletir, de forma minuciosa e aprofundada, sobre as possibilidades e as lutas em torno da dignidade e do direito à vida na sociedade brasileira contemporânea, quando levamos em conta corpos periféricos. Articulado os campos literário e jurídico, os tempos passado e presente, as dimensões individuais e coletivas, bem como os distintos marcadores sociais de diferença que se tornam elementos fulcrais para a compreensão dos lugares ocupados pelas personagens em destaque, o artigo não só demonstra como tais experiências subalternizadas de vida trazem estratégias descolonizadoras capazes de promover novas formas de existência e resistência, mas também explora o caráter subversivo e desestabilizador deste processo. Neste âmbito, a humanização das mulheres periféricas de Evaristo pressupõe a não redução de suas vivências a lógicas hegemônicas, culminando na exigência de um projeto epistemológico jurídico que, ante os princípios de universalidade e de igualdade, considere a multiplicidade das realidades vividas por distintos grupos.

Problematizando as formas como a literatura pode ser utilizada para a compreensão dos contextos sociais que a constituem e que por ela são constituídos, Trindade e Fleming dos Santos analisam a obra *Antes de nascer o mundo*, do escritor Mia Couto. Além de nos brindar com uma acurada síntese sobre o desenvolvimento das noções de pós-colonialismo e de decolonialidade, os autores discorrem sobre os múltiplos processos de subjetivação que demarcam os personagens da trama de Couto, sob a ótica das masculinidades e das feminilidades, ressaltando tanto as dinâmicas de alteridade que perpassam os principais conflitos desta narrativa, quanto as relações entre personagens, tempo e espaço. Deste modo, **Complexidades em perspectiva: desvendando “Antes de nascer do mundo” através dos estudos decoloniais** se mostra, de antemão, uma oportunidade para refletir sobre as imbricações entre a saga de Mwanito e de seus parentes, a “colonialidade do poder/saber/ser” (QUIJANO, 2007) e do Moçambique pós-colonial, trazendo importantes lampejos para se pensar, também, a sociedade brasileira e os seus processos de subalternidade.

Processos de subalternidade estes muito bem abordados em **Masculinidades colonizadas: A construção do homem negro pelo sistema colonial moderno**, de João Gomes Junior. Ao refletir sobre o processo de construção identitária do homem negro nos

dias atuais, enquanto um corpo generificado e racializado, Gomes analisa algumas categorias e conceitos essenciais para se pensar a experiência negra subalternizada sob o prisma da colonialidade das masculinidades. Em contraposição à figura do “sujeito universal”, o autor articula diferentes teorias para demonstrar como “as masculinidades são construções elaboradas a partir do que se espera dos homens, por sistemas de poder específicos, e sobre eles impostas e marcadas”. Assim, demonstra que a consolidação de masculinidades hegemônicas só é possível mediante o desenvolvimento de um imaginário de masculinidades subalternizadas e, desta forma, ressalta como a raça é uma instância essencial nesta dinâmica. Ao chamar atenção para os modos como gênero e raça podem ser pensados a partir da decolonialidade, o artigo em questão desponta como uma importante contribuição de sistematização teórica para os estudos sobre as masculinidades negras que intentem ser interseccionais.

Explorando o gênero em outros gêneros artísticos contemporâneos, Amorim analisa os *graffitis* produzidos por mulheres enquanto formas de subversão aos paradigmas hegemônicos. Pensando as relações estabelecidas entre mulheres, poderes e as cidades nos sistemas capitalistas, a autora parte de um interessante diálogo com as ideias de Silvia Federici para refletir sobre os modos de participação de algumas artistas na vida urbana em um cenário citadino majoritariamente delineado por lógicas que parecem incorporar dinâmicas que não as incluem. Compreendendo as peças de *graffitis* como “formas de expressão e relatos de vivências”, Amorim explora como as disputas que emergem de relações desiguais de poder entre os gêneros presentes no universo do grafite ressoam nas obras destas sujeitas. Enquanto potências discursivas, os grafites podem ser vistos como narrativas identitárias resultantes de presenças múltiplas que, em sua multiplicidade, apresentam projetos descolonizadores de rompimento dos silenciamentos impostos. Desta forma, **Vozes presentes: Graffiti por mulheres como resistências nos espaços políticos urbanos** nos traz uma frutífera reflexão sobre possibilidades emancipatórias frente às diferentes formas de colonialidade na medida em que complexifica as vozes e os corpos que constituem esses espaços públicos.

Também refletindo sobre as estratégias de subversão dos discursos coloniais por meio de peças artísticas, Lima foca sua análise na produção de Márcia Falcão e nas formas como a artista periférica articula diferentes dimensões interseccionais em suas obras. Após uma breve, porém rigorosa contextualização sobre alguns dos principais pontos dos processos de elitização e de embranquecimento que marcam a História da Arte no Brasil, a autora do artigo **Artes, maternagem, territorialidade: as narrativas contra-hegemônicas na produção artística de Márcia Falcão** chama atenção para as ações subversivas de Falcão ao construir suas próprias narrativas contra-hegemônicas frente ao paradigma eurocêntrico que caracteriza o universo artístico das Belas Artes. Em diálogo constante com os paradigmas hegemônicos e a posição subalterna que ocupa enquanto artista, negra, mãe e periférica, Lima demonstra que Falcão desestabiliza a tradição clássica da arte ao incorporar elementos que remetem às suas próprias vivências. Se, com isso, Falcão estimula reflexões relevantes sobre questões vinculadas à maternagem,

território, racismo e gênero, Lima destaca que tais ações da artista não deixam de ser formas de resistência, uma vez que são capazes de reinscrever tais experiências subalternizadas no circuito das artes.

Abordando similarmente o campo da História da Arte e os discursos hegemônicos que o permeiam, Cavalcanti nos propõe uma reflexão sobre o projeto de construção da nação brasileira sob a égide do desenvolvimento de imagens subalternizadas dos indígenas deste território. Com base nas obras *Moema* (1966), de Victor Meirelles, e *O último tamoio* (1993), de Rodolfo Amoedo, a autora destaca as diferentes perspectivas na construção dessas imagens indianistas quando levamos em conta os gêneros ali representados. Assim, em **O corpo em disputa: a construção do gênero e da identidade nacional nas obras Moema e O último Tamoio**, o leitor é confrontado com as principais semelhanças e diferenças das representações de indígenas nessas obras que, em última instância, sinalizam para ecos do projeto colonial que perpassam o imaginário colonial do Brasil enquanto nação e seus laços com seus “descobridores portugueses”. Tendo em vista que “pensar a construção da identidade nacional pela hegemonia implica em considerar os resquícios da mentalidade colonial nas estruturas sociais, mesmo após a independência”, Cavalcanti nos apresenta com uma análise atenta e crítica sobre a posição atribuída aos indígenas no projeto nacional e os efeitos, ainda hoje reverberados, de seus papéis subalternizados na construção destas narrativas.

Por fim e não menos importante, Paixão analisa a videoarte *Vol. 1., Narciso e Eco* (2016), de Grada Kilomba, ressaltando tanto a crítica realizada no interior da obra em questão acerca dos modelos de branquitude e das formas de opressão oriundas dos sistemas coloniais, quanto a força deste fazer político nos processos de subversão de diferentes paradigmas hegemônicos. Neste sentido, **Narciso e Eco: uma metáfora da sociedade patriarcal branca na videoarte de Grada Kilomba** é um convite oportuno para refletir sobre a performance artística enquanto uma importante ferramenta discursiva para a criação de epistemologias outras. Considerando as potencialidades das experiências estéticas no desenvolvimento de novas formas de ser e pensar, Paixão nos oferece um exame rico e detalhado sobre as escolhas de Grada na produção de uma crítica generificada e racializada aos modelos vigentes e suas dinâmicas de exclusão.

Como o leitor poderá perceber, a multiplicidade é a grande marca deste dossiê. Se Castro (*apud* HOLLANDA, 2020, p. 31) já salientava que precisávamos de uma “frente ampla de várias perspectivas que possam produzir críticas ao *status quo*”, os trabalhos aqui reunidos demonstram este esforço para pensar, de forma diversa, a decolonialidade e a aplicação de suas principais ideias em diferentes campos de conhecimento. Por meio de um exercício de escuta sensorial e afetivo (MARIM, 2020), os autores/as autoras experienciaram abordar questões e obras que compuseram nosso curso, trazendo seus próprios olhares e complexificando suas próprias perguntas. Elaborado por muitas mãos e ressoando diferentes vozes, este dossiê é, também, uma sugestão para aquelas indagações que nos trazem a dúvida sobre como desenvolver uma decolonialidade à brasileira: abrir espaço para experimentações - tão nossas, por isso tão válidas.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 11, p. 89-117, 2013.

CASTRO, Mary Garcia. “Gênero e etnicidade: conhecimentos de urgência em tempos de barbárie”. **Revista Odeere**, USEB, v. 3, nº 6, p. 80-101, 2018.

CASTRO, Mary Garcia. “Pós-colonialismo e decolonialidades: etnicidade, reprodução, gênero e sexualidade - vozes da África - Notas a partir de um conhecimento em curso”. *In: Rev. Sociologia & Antropologia*, v.11, nº. 3, p. 1051-1075, 2022.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Descolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo del saberes”. *In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 79-91, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. “Introdução”. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, p 11-34, 2020.

LUGONES, Maria. “Colonialidade e Gênero”. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, p 52-83, 2020.

MARIM, Caroline. “Feminismo decolonial: decolonizando o olhar”. **Revista Cult**, 2020, edição 262, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”. *In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 127-167, 2007.

SEGATO, Rita. **Las Estructuras Elementales de la Violencia**. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder y clasificación social”. *In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 285-327, 2007.

